

A SENSIBILIDADE DO LUGAR: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE APLICAÇÃO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA GESTÃO DA ZONA COSTEIRA EM ÁREAS URBANAS

Marcelo Pereira Matos [1]
Solange Terezinha de Lima Guimarães [2]



OLAM - Ciência & Tecnologia, Rio Claro, SP, Brasil – eISSN: 1982-7784
Está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

Introdução

Ao longo das últimas décadas do século XX pudemos verificar com mais evidência o resultado das pressões do modelo desenvolvimentista sobre os ambientes costeiros e marinhos. Neste cenário econômico, político e ambiental, a zona costeira urbana foi sendo condenada a se transformar em um repositório natural de resíduos sólidos, produtos químicos derramados de navios e oleodutos, dentre tantos outros impactos ambientais que ameaçam os recursos hídricos e os diversos geossistemas correlacionados, agravados inúmeras vezes em razão das influências de variações e alterações sazonais da paisagem.

Após ser responsabilizada pelos impactos adversos causados por grandes vazamentos de óleo que despertaram a atenção de toda a sociedade, a Petrobras, através do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (CENPES), vem se destacando mediante estudos de grande notabilidade como o projeto “*Mapas de Sensibilidade Ambiental Costeira a Derrames de Óleo*”, que serve como um importante subsídio à tomada de decisão no momento de uma emergência pertinente à ocorrência de tais riscos ambientais. Estes mapas classificam, através de diferentes níveis de sensibilidade ao óleo, os ambientes costeiros, estuarinos e fluviais do Brasil, e se tornam fundamentais em situações emergenciais por permitir traçar estratégias de proteção para as áreas vulneráveis.

A partir dos mapas de sensibilidade, é possível verificarmos quais ambientes seriam mais afetados com um vazamento de hidrocarboneto. Este projeto já representa uma realidade e está inserido em outros sistemas desta instituição, como o Sistema Informatizado para Apoio a Plano de Ação de Emergência (*InfoPAE*), que é um sistema que permite o desenvolvimento de planos de emergência informatizados que contemplem diversos tipos de cenários acidentais. O sistema organiza e gerencia estas informações em uma base de dados e, durante situações emergenciais, seleciona as informações necessárias para o combate ao cenário acidental do cenário acidental, além de registrar as ações executadas.

Entretanto, por mais eficazes tecnologicamente que sejam, estes projetos ainda possuem uma lacuna importante a ser preenchida: a percepção ambiental das comunidades que estão na área de influência destas unidades operacionais – suas histórias de vida, seus anseios e necessidades, seus medos e, principalmente, sua relação com o mar. Estas relações que envolvem recreação e lazer, trabalho, sustento, memória, visões de mundo, dentre outros aspectos do cotidiano, podem ser apreendidas somente ao ouvirmos estes importantes atores sociais, permitindo assim conhecermos e classificarmos as diferentes percepções e interpretações que se inter-relacionam e conferem significados e valores a estas paisagens geográficas.

Os espaços/lugares são classificados na metodologia adotada pela Petrobras, que teve como modelo a utilizada pela *National Oceanic and Atmospheric Administration* (NOAA), segundo um índice de sensibilidade ao óleo estabelecido com base nos seguintes fatores: tipo de substrato; permeabilidade; mobilidade e condições de tráfego; declividade da zona de intermarés; grau de exposição à energia das ondas e marés; facilidade de limpeza; produtividade e sensibilidade biológicas (CENPES/PETROBRAS, 2006). Como podemos observar os aspectos humanos não são inseridos nesta classificação, sendo apenas indicados graficamente nos mapas em questão. Deste modo, o estudo da percepção ambiental pode ser um caminho metodológico eficaz para preencher esta lacuna.

Nossa pesquisa tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica

que servirá como suporte para a elaboração da tese de doutorado “*A sensibilidade do lugar: uma proposta metodológica para aplicação da percepção ambiental em planos de emergência*”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP (Rio Claro). Os estudos de percepção e valoração ambiental são, portanto, nossa referência, recorte temático e ponto de partida nos levando a explorar algumas questões sobre sensibilidade ambiental e planos de emergência, com o objetivo de propor um novo caminho metodológico para o estudo dos riscos e impactos ambientais em geossistemas costeiros.

Com isso, nosso aporte metodológico busca atrelar a dimensão espacial, que consideramos a principal contribuição por parte dos geógrafos ao estudo da percepção ambiental, na avaliação de projetos de grande notabilidade desenvolvidos em grandes instituições como a Petrobras, para o combate a emergências envolvendo derrame de hidrocarbonetos, derivadas de riscos ambientais antropogênicos.

Empresa e Comunidade

No momento em que o país atinge sua auto-suficiência em petróleo, é visível que ainda estamos muito longe de uma “auto-suficiência” efetiva no que diz respeito à Norma Brasileira (NBR) 16001/2004, sobre responsabilidade social, apresentada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Esta norma deve se adaptar às distintas realidades geográficas, culturais e sociais, estabelecendo os requisitos mínimos relativos a sistemas de gestão e avaliação associados à responsabilidade social, no que tange às dimensões da sustentabilidade ambiental, econômica e social no contexto do conceito de desenvolvimento sustentável, construído pela Comissão Brundtland. Entretanto, ressaltamos que segundo a norma, “o atendimento aos requisitos da Norma não significa que a organização é socialmente responsável, mas que possui um sistema de gestão de responsabilidade social.” (ABNT, 2004, p.2).

Estas circunstâncias podem significar diferenças fundamentais nos níveis de desempenho de ações visando a responsabilidade social, principalmente quando considerados os vários processos e suas interações efetivas e potenciais com a sociedade, decorrentes da implantação das séries ABNT ISO 9000 ou ABNT ISO 14000, e que devem abranger o desenvolvimento de políticas que priorizem: promoção da cidadania; promoção do desenvolvimento sustentável; e a transparência de suas atividades. (ABNT, 2004, p.3-5; GUIMARÃES, 2008).

O investimento que grandes empresas têm realizado junto às comunidades do entorno também tem se mostrado vantajoso para a imagem social das mesmas, que se traduz em uma estratégia de *marketing* na qual outras pessoas possam ser beneficiadas em relação aos objetivos e metas de seu *compromisso e responsabilidade social*. Quando tratamos de empresas exploradoras de recursos naturais e que movimentam, refinam, manipulam, armazenam produtos perigosos, entre outras ações, o conjunto das intenções e diretrizes abarcadas pelas políticas de responsabilidade social por parte destas organizações deveria ser ainda maior, tendo em vista a possibilidade de acidentes e danos ambientais reversíveis ou não. (ABNT, 2004; GUIMARÃES, 2008).

Diversas iniciativas de aproximação entre comunidade e organizações podem ser observadas nos últimos tempos em diferentes regiões do Brasil. As empresas têm se aproximado das comunidades do entorno não só devido às relações de vizinhança de suas instalações, mas também mediante a promoção de treinamentos para o combate a emergências de grande porte, projetos ligados às atividades culturais, sócio-econômicas e ambientais, dentre outros. O fato é que as grandes empresas sabem que não é mais possível manter atividades de alto risco diante de comunidades limítrofes e não explicitar os prós e contras das interações destas mesmas atividades. Frente estes quadros, investem em simulados de emergência, envolvendo as comunidades vizinhas, fazendo com que estas se sintam partes do processo, associando garantias e medidas de melhorias de qualidade ambiental e de vida, seja através de infra-estruturas urbanísticas e sociais, ou ainda da implantação de programas ambientais e sócio-econômicos de caráter participativo

ou cooperativo, que são apresentados pela empresa como parte do compromisso de responsabilidade social e deveres da empresa junto à população envolvida. (GUIMARÃES, 2003; 2008).

Para um melhor entendimento dos diferentes níveis de sensibilidade ambiental, percebidos através do olhar humano, torna-se necessário buscar compreender a articulação entre os conceitos de *lugar*, *identidade territorial* e *meio ambiente*; que, no nosso ponto de vista, ajudam na explicação das possíveis implicações que um derramamento de óleo em corpos hídricos possa trazer para toda a sociedade, que possui diferentes percepções e, conseqüentemente, múltiplas interpretações e valorações das vulnerabilidades ambientais em seus dimensionamentos naturais e sociais.

Deste modo, nossa pesquisa volta-se para as evidências do sentido de *lugar* em uma comunidade localizada na área de influência das instalações da Petrobras, na Baía de Guanabara (RJ), e que possui a noção do risco ambiental inerente às atividades desta empresa. No mesmo local de ocorrências das atividades consideradas de risco e impactos adversos, as pessoas habitam, vivenciam experiências, interpretam, valoram e o representam como um *lugar* – afinal o *lugar* em que o homem habita faz parte de seu *mundo vivido*, envolvendo toda a imbricada pluralidade de aspectos subjetivos e objetivos. (BUTTIMER, 1985a; 1985b; GUIMARÃES, 2002; 2007). De acordo com Guimarães (2002, p.134):

sentir um lugar associa variações simultâneas de atitudes às emoções e à atribuição de valores, pois as imagens topofílicas e topofóbicas derivam da realidade do entorno, assumindo muitas formas em função não apenas da amplitude de sua carga emocional, como também de sua intensidade, sendo enriquecidas pelas infinitas combinações da fâcies dos aspectos concretos e simbólicos presentes em um dado contexto situacional.

Segundo Bachelard (2000, p.19), a noção (e função) do sentido de *habitar* aparece em diferentes escalas e configurações, “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido”. Portanto, é compreensível a existência de

conflitos de interesses e diferentes percepções sobre a presença de atividades “perigosas” que representam riscos e ameaças ao lugar onde habitamos, gerando sentimentos e emoções contraditórios e, portanto, conflitantes, percebendo-se diferenciações profundas referentes à “*intensidade, sutileza e modo de expressão*”. (TUAN, 1980, p. 05 e 107).

O termo *comunidade* aparece em diferentes momentos dos planos de emergência. No entanto, poucas áreas urbanas podem ser chamadas de comunidade, no sentido de formarem grupos sociais coesos. A comunidade se caracteriza pelas relações sociais efetivas que as pessoas mantem no lugar, independente destas se restringirem à área local ou ultrapassarem suas fronteiras. A diferenciação de *bairro* e *comunidade* utilizada por Lynch (1981) ajuda a distinguir essas duas unidades espaciais. Segundo este autor, o bairro é diferente de uma unidade administrativa, é uma área muito pequena na qual as pessoas se conhecem simplesmente porque vivem na porta ao lado, enquanto comunidade pressupõe a idéia de uma entidade social coerente.

Outro autor que, mais recentemente, tem trabalhado com a idéia de comunidade é Bauman [1] (2003). Este autor apresenta a idéia de que o termo *comunidade* se refere sempre a um aspecto positivo, segundo ele, “se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade – o modo como está organizada e funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade” (BAUMAN, 2003, p.7). Bauman também ressalta as características de proteção e cooperação que a comunidade possui, sendo estes aspectos também destacados pelos demais autores.

E é justamente esta idéia de *comunidade*, um *lugar* por excelência, que privilegiamos em nossa proposta metodológica, tendo como objetivo principal utilizar os estudos de percepção ambiental como mais um elemento a ser considerado nos planos de emergência da Petrobras. Partimos da hipótese de que as pessoas que vivem sob a área de influência ou de entorno das instalações desta empresa

possuem percepções, interpretações e valores distintos a respeito dos níveis de sensibilidade ambiental considerados atualmente nos planos de emergência.

Mediante tal objetivo, alguns questionamentos emergem em nossa linha de investigação:

A] Como podemos utilizar o conceito de *lugar* na análise da área de influência de uma unidade operacional da Petrobras?

B] Quais são as categorias/variáveis que nos ajudam a estabelecer diferentes níveis de sensibilidade ambiental a partir da percepção do ambiente vivido?

C] A percepção ambiental da comunidade estudada coincide com os níveis de sensibilidade ambiental existentes atualmente?

Tais questionamentos podem ser objetivados da seguinte maneira:

1. Buscar a relação entre espaço vivido e sensibilidade ambiental na área de influência de uma unidade operacional da Petrobras;
2. Definir categorias de análise que nos permitirão definir um procedimento metodológico para a aplicação da percepção no estudo da sensibilidade ambiental;
3. Contribuir com uma metodologia de estudo que possa servir de subsídio para tomadas de decisão no momento de uma emergência, definindo prioridade de proteção e estratégias de intervenção.

Mapeando os Espaços/Lugares de Paquetá

O recorte espacial selecionado na pesquisa é a Ilha de Paquetá, um ponto no mapa do município do Rio de Janeiro, um lugar por excelência para os habitantes desta comunidade. Um *lugar* com identidade própria; um *lugar* de pausa no intenso movimento de uma das maiores metrópoles do país; um *lugar* vulnerável em meio a muitas atividades relacionadas à exploração petrolífera que cercam as águas da Baía de Guanabara. Além da importância turística e histórica desta ilha/bairro/lugar,

a escolha de Paquetá como piloto para nossa pesquisa também se deve ao fato desta ter sido um dos lugares mais adversamente impactados com o grande derramamento de óleo ocorrido no ano 2000.

De acordo com o Censo Demográfico de 2000 (IBGE, 2000), Paquetá conta com 3421 moradores fixos, distribuídos ao longo dos 170, 57 hectares da ilha, que está localizada no interior da Baía da Guanabara (Figura 1).



Figura 1: Localização da Ilha de Paquetá na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro (RJ).

Fonte: www.ilhadepaqueta.com.br. Acesso: 21/11/2008.

No que tange aos cenários de ocorrências dos riscos e danos ambientais de origem antropogênica, a madrugada do dia 18 de janeiro de 2000 ficará marcada para sempre na memória dos moradores da Ilha de Paquetá, quando houve o rompimento de um duto submerso da Petrobras, que liga a Refinaria de Duque de

Caxias ao Terminal da Ilha d'Água, provocando o derramamento de 1,3 milhões de litros de óleo na Baía de Guanabara. Em pouco tempo a mancha de óleo se espalhou pela baía, atingindo as praias de Magé, São Gonçalo e Paquetá.

A poluição causada pelo vazamento nas praias de Paquetá ocasionou a remoção de grande parte da faixa de areia, impactos negativos na fauna e na flora da zona costeira ilhéu e diminuição considerável do número de turistas que visitavam a ilha nos fins de semana, entre outros de caráter sócio-econômico. Leitão (2003, p.19), ao analisar o impacto causado no discurso dos moradores, nos relata a tristeza que se instalou naquele dia:

O óleo atingiu as praias na madrugada de uma quarta-feira, em pleno mês de janeiro. O desespero, a tristeza e a incompreensão diante do ocorrido tomaram conta da ilha, seguindo-se àquela quarta-feira os outros dias do verão. Todos iguais: sombrios, silenciosos, sem visitantes. Apenas o óleo e os *homens da Petrobras*, sujos de óleo. Os moradores choravam e em pequenos grupos perambulavam pela ilha, escarnando a tragédia e exclamando “*acabou Paquetá*”. A notícia do sinistro se alastrou, afastando imediatamente as pessoas que habitualmente iam a Paquetá durante o verão. Os visitantes diários desapareceram imediatamente; os veranistas que já estavam na ilha fecharam suas casas e foram embora. Os clubes não deram festas, os bares não registraram movimento, *não tinha ninguém na ilha*. Frase desconcertante, porque só de trabalhadores havia mais de 600!

Além dos moradores que elegeram Paquetá como lugar de moradia por suas qualidades de beleza cênica e ambiências de cidade do interior, e dos pescadores da ilha que tiveram sua renda diretamente impactada de modo negativo, muitos cariocas se sensibilizaram com os danos ambientais na chamada “Ilha dos Amores”, outrora imortalizada no primeiro romance brasileiro: “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo, que tem as paisagens da ilha como cenário romanesco. Paquetá possui vários atrativos turísticos, oferecendo atividades como passeios de charrete, bicicleta e muitos lugares para recreação e lazer dos cariocas submetidos ao estresse dos trabalhos cotidianos, caracterizando-se assim como uma espécie de refúgio das muitas solicitações e estímulos que a vida contemporânea nos oferece. Ou, na visão de Dahl e Bojunga (2003, p.7):

Talvez por ser um bairro que é uma ilha, uma ilha que é um bairro, dotada de uma paisagem exuberante, repleta de árvores centenárias, pássaros silvestres, temperatura amena e de uma quietude incomparável, Paquetá nos remeta ao êxtase da infância, quando pertencíamos ao Absoluto e ainda não tínhamos nos desligado do Todo, vivendo no abençoado estado de inocência anterior à culpa.

Segundo Kevorkian (2003), membro da Academia de Artes, Ciências e Letras da Ilha de Paquetá, André Thevet, cosmógrafo da expedição de Villegaignon, que tinha a missão de fundar a França Antártica, foi quem registrou a descoberta da ilha em dezembro de 1556, quando esta ainda era habitada pelos índios tamoios. Este autor relata o sucesso da expedição enviada de Portugal e comandada por Estácio de Sá frente aos franceses, e como Paquetá foi doada sob a forma de duas sesmarias, iniciando aí o processo de ocupação da ilha.

História e memória são consideradas em nossa proposta como indicadores fundamentais da força que impregna os distintos significados das imagens de um lugar. A presença de nobres e personalidades em Paquetá contribuiu para o legado de histórias, paisagens, lendas, símbolos e tradições que permeiam a memória coletiva dos habitantes deste lugar. Kevorkian (2003, p.5), ainda nos relata a presença do mais ilustre nobre da ilha:

Refugiando-se de uma tempestade, D. João chega a Paquetá pela primeira vez em 1808, no mesmo ano de sua chegada com a família real ao Brasil. O Príncipe Regente se encanta com a Ilha dos Amores e sua comunidade, e passa a visitar Paquetá com regularidade, hospedando-se naquele que é hoje o Solar Del rei. Devoto de São Roque, considera-se curado de uma úlcera na perna pelas águas milagrosas do Poço de São Roque. As Festas de São Roque são freqüentadas pelo Príncipe Regente, posteriormente Rei, e Paquetá assume importante *status* cultural junto à Corte.

Nosso estudo busca nos cenários paisagísticos da Ilha de Paquetá a definição de indicadores ambientais que demonstram a importância do aspecto sócio-cultural na gestão da zona costeira através de entrevistas feitas com questionários semi-abertos, nas diferentes praias da ilha. Partimos da hipótese de que a percepção e interpretação ambiental dos moradores em relação às várias praias da ilha são diferenciadas e carecem de um mapeamento cujos indicadores

não considerem somente aspectos do ambiente físico e biológico, mas também os aspectos afetivos, cognitivos, valorativos. A idéia de *lugar* é outro indicador que, em conjunto com a história, a memória e a identidade territorial, ajuda a compor a nossa proposta metodológica para mapeamento da percepção ambiental dos moradores da zona costeira de uma determinada área urbana em relação às áreas de sensibilidade e às vulnerabilidades naturais e sociais abrangidas.

Na concepção de Tuan (1983), o *espaço* se torna *lugar* na medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor – “lugar é uma pausa no movimento”, e explica que “se pensarmos o espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar” (TUAN, 1983, p.6). Esta idéia de proteção conferida ao lugar é também apresentada por Bachelard (1957), quando o autor apresenta a noção de “casa” em diversos tipos de *habitat* que oferecem proteção, ou seja, “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 2000, p.25). Dessa forma, podemos residir em um lugar e habitar diversos outros simultaneamente. Neste caso, *habitar* no sentido *heideggeriano*, constitui a própria determinação do ser-homem, pois segundo Heidegger (2001, p.137): “A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial”. Podemos nos “sentir em casa” em um lugar com mais intensidade que na nossa própria residência.

O sentido de lugar se refere, antes de tudo, às noções de significado; intimidade; familiaridade; identidade, e singularidade. O cotidiano do indivíduo é permeado por inúmeros espaços/lugares que formam esse caleidoscópio de paisagens que chamamos de espaço vivido. No entanto, dentre os diferentes espaços/lugares pelos quais passamos, existem aqueles com os quais nos identificamos, nos reconhecemos e carregamos conosco todo o seu conteúdo simbólico. Em geral, os lugares que habitamos são os que mais fortemente marcam nossa trajetória individual, independente se mantemos sentimentos topofílicos ou topofóbicos por estes locais. O fato é que quando habitamos um determinado lugar

estabelecemos intensas relações de trocas subjetivas e objetivas, conscientes e inconscientes. Os lugares, portanto, emergem das nossas experiências e vivências ambientais, trazendo uma pluralidade de aspectos simbólicos de diversas origens, que variam do individual ao coletivo, e vice-versa. Tuan (1980, p. 137) considera que as várias faces envolvidas na imagética da construção dos sentimentos de topofilia, nos recordam que “as imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas são vistas agora com toda a claridade”.

A consciência geográfica de pertinência que o indivíduo possui e as relações sócio-espaciais que este mantém com seus espaços/lugares constituem a essência daquilo que Dardel (1952) denominou de *geograficidade*. Relph (1979, p.16) destaca que, no contexto da obra de Eric Dardel, *lugar* significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas ao tipo e qualidade das experiências e envolvimento com o entorno, com a paisagem, e à necessidade dos processos de enraizamento e segurança. Os indivíduos e suas práticas sócio-espaciais e culturais coletivas são os responsáveis pela transformação dos locais em lugares.

Buttimer (1985, p.177), ao discorrer sobre o dinamismo do mundo vivido, enfatiza o sentido de lugar no período contemporâneo:

mudanças tecnológicas e econômicas no gênero de vida abriram o horizonte das pessoas em função das redes de interação mais amplas, mas nem sempre solaparam o sentido de lugar; até mesmo as populações mais sofisticadas e urbanas têm identificação territorial.

Esta identificação territorial apontada por Buttimer (1985) se aproxima da idéia desenvolvida por Dardel (1952, p.42), quando este autor afirma que o indivíduo possui uma *fixação existencial* com o ambiente em que vive, sendo que esta ocorre independente do tipo de espaço, seja este rural ou urbano, natural ou construído. Portanto, a identidade territorial do indivíduo também constitui um indicador

ambiental significativo que nos auxilia na valoração subjetiva e objetiva de um determinado lugar.

Considerando a identidade territorial como indicador de uma nova forma de tratamento cartográfico do lugar, possivelmente, a paisagem da Praia da Moreninha, que está no imaginário de muitas pessoas como o palco de um dos romances mais conhecidos de nossa literatura, e que hoje recebe muitos turistas no fim de semana, não receberia um valor quatro, de uma escala variante de zero a dez (figura 2), como recebe no mapa de sensibilidade ambiental a derrame de óleo elaborado pelo CENPES. Torna-se importante lembrar que este mapa serve de subsídio para a definição das estratégias de proteção das equipes da Petrobras de combate a emergências que, por sua vez, acessam o mapa através do sistema InfoPAE.

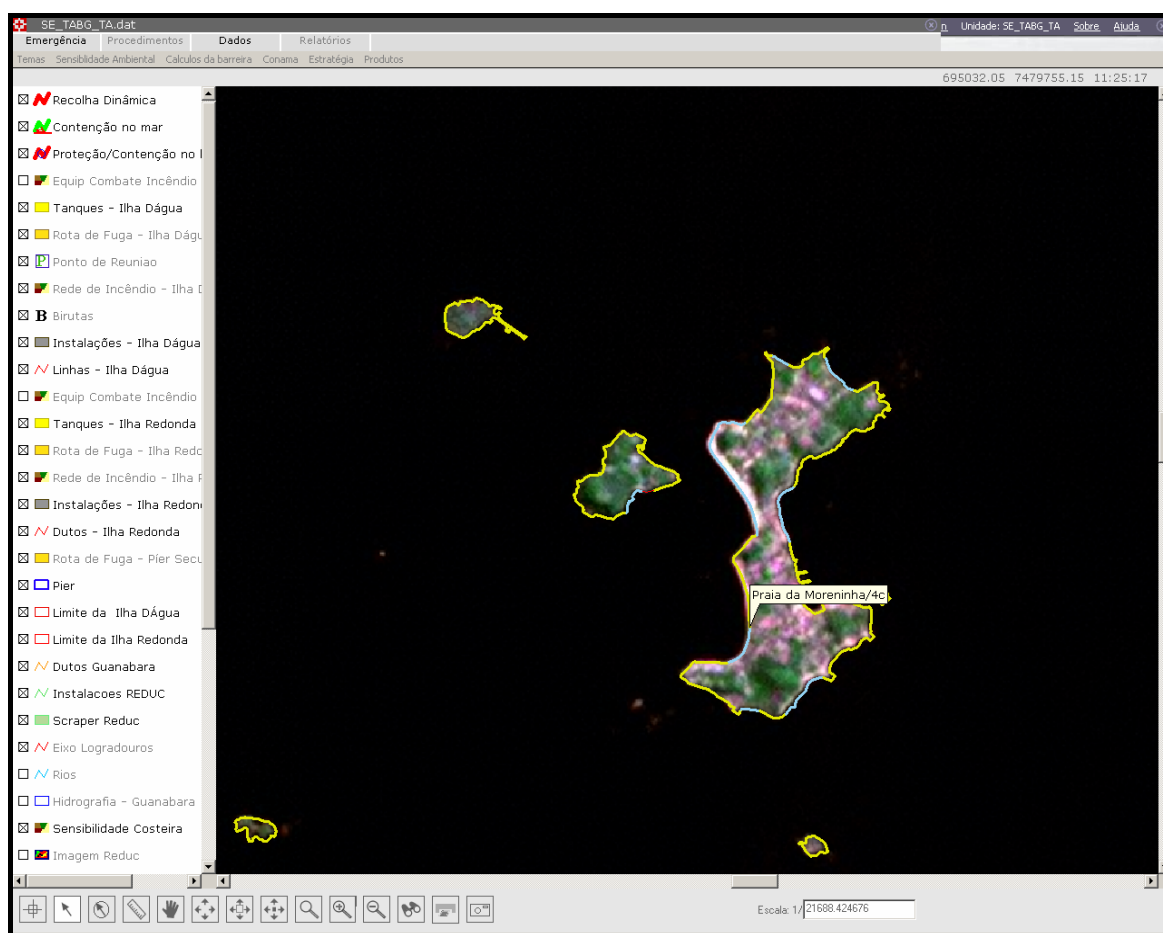


Figura 2: O Mapa de Sensibilidade Ambiental – Praia da Moreninha, acessado através do Sistema InfoPAE.

Ao considerarmos as relações mencionadas, Paquetá se difere dos demais bairros da cidade, assumindo uma identidade própria associada à paz e às relações de familiaridade e segurança típicas de cidades pequenas, onde podemos observar charretes e bicicletas no lugar dos automóveis (figura 3); coretos e praças como lugares de sociabilidade (figura 4), e praias que são usufruídas mais pelo aspecto simbólico de suas imagens paisagísticas do que pelos banhos de mar em si (figura 5). Muitos dos problemas que tornam suas praias impróprias para banhos, são decorrentes da poluição de suas águas (figura 6), que também são afetadas por outras indústrias ao redor da Baía de Guanabara, além de outras fontes de contaminação, concorrendo para o agravamento do quadro concernente aos impactos ambientais negativos em termos das características dos seus níveis de magnitude, extensão e dispersão espacial, entre outras. (GUIMARÃES, 2003).



Figura 3: Charrete – típico meio de transporte da ilha, pois não há permissão do tráfego de automóveis. Foto: Marcelo Matos, 25/09/2008.



Figura 4: Coreto na Praça de São Roque, onde são realizadas as festas de São Roque e São João, que sempre acontecem tradicionalmente na ilha de Paquetá.
Foto: Marcelo Matos, 25/09/2008.



Figura 5: Pedalinhos e barracas na Praia da Guarda, também conhecida como praia dos pedalinhos, um dos principais locais de lazer da ilha. Foto: Marcelo Matos, 25/09/2008.



Figura 6: Poluição costeira na simbólica Praia da Moreninha. Foto: Marcelo Matos, 25/09/2008.

Com o aporte teórico-metodológico dos estudos de percepção ambiental, nossa pesquisa prevê técnicas de observação direta intensiva e extensiva envolvendo trabalhos de campo, elaboração e aplicação de questionários, constituídos por perguntas fechadas e semi-abertas, possibilitando assim tanto a classificação e o tratamento cartográfico dos dados relacionados aos aspectos valorativos da paisagem, quanto uma análise e interpretação mais aprofundadas do discurso dos habitantes paquetaenses com especial atenção a indícios topofílicos e topofóbicos desse povo historicamente voltado para o mar.

Neste sentido, serão valorizados em nossa pesquisa a coleta de histórias de vida para um entendimento maior das nuances que permeiam a relação ser humano-paisagem e ser humano-meio ambiente. Sobre estes aspectos, Meining (1979, p. 03) apud Guimarães (2007, p. 21), considera que as paisagens *não* são sinônimo de meio ambiente – na verdade, são menos inclusivas, porém, mais percebidas em seus níveis de detalhamentos (relação com o *vivido*):

tendo em vista que compreendem os nossos lugares, seja em suas características de visibilidade e ambigüidades, definindo-se através

do nosso campo visual e sendo interpretadas por nossas mentes. Sob a perspectiva do autor, o meio ambiente envolve as paisagens, e elas são parte da dimensão ambiental. (GUIMARÃES, 2007, p. 21-22).

No que se refere às questões mais objetivas, serão privilegiados no questionário aspectos como tempo de moradia; percepção de Paquetá em relação aos demais bairros da cidade; características intrínsecas do bairro; diferenças internas na ilha; conhecimento da condição político-administrativa da ilha (Bairro? Cidade? Distrito?); conhecimento do histórico de derramamento de óleo e da empresa responsável, entre outros. Quanto aos aspectos valorativos, utilizaremos a escala de Diferencial Semântico de Osgood (OSGOOD; SUCI; TANNENBAUM, 1957), com devidas adaptações, servindo como base para a coleta de informações relacionadas aos aspectos cognitivos e perceptivos dos habitantes da ilha.

Ao considerar os aspectos supramencionados, teóricos e práticos, nossa proposta metodológica buscará uma nova classificação da sensibilidade ambiental da ilha, que objetiva não mais demonstrar a sensibilidade do *local* ao derrame de óleo, e sim a sensibilidade do *lugar* ao derrame. Aos aspectos físicos serão somados aspectos cognitivos, perceptivos, afetivos e valorativos da paisagem, em termos do seu uso atual, das expectativas de uso futuro e do significado existencial da mesma para seus habitantes.

Nosso objetivo é fazer com que estes mapas de sensibilidade do lugar sirvam de fato para a tomada de decisões no momento em que o poder público ou as indústrias do petróleo tenham que definir estratégias e locais de proteção para o caso de derrames de óleo. Atingindo este objetivo, chegaremos a nossa meta: uma melhor adequação de proposições visando à gestão ambiental de zonas costeiras, e no caso, que possibilite novamente o reconhecimento final de Paquetá como a tradicional ilha dos Amores e não mais como a ilha das manchas de óleo. Na visão de Relph (1976), o reconhecimento do significado existencial da paisagem para os seres humanos, partindo da relevância de seus lugares como verdadeiros “*centros de significados e intenções*”.

Nota

[1] A tradução para o idioma português da obra de Bauman foi publicada em 2003. A obra original *Community: seeking safety in na insecure world*, foi publicada na Inglaterra em 2001.

Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A (org). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 165-193.

BUTTNER, A. Hogar, campo de movimiento y sentido del lugar, In: Ramón, M.D.G. (Org.), **Teoria y metodo en la geografia anglosajona**. Barcelona: Ariel Geografia, 1985b. p. 227-241.

CAPEL, H. **Filosofia y ciência en la geografía contemporânea**: una introducción a la Geografía. Barcelona: Barcanova, 1981.

CENPES/PETROBRAS. **Mapas de sensibilidade ambiental a derrames de óleo**: ambientes costeiros, estuarinos e fluviais. Rio de Janeiro, Cenpes/Petrobras, 2006.

DAHL, M. L.; BONJUGA, C. **Paquetá**: ilha ditosa e florida. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Prefeitura, 2003.

DARDEL, E. **L'homme et la Terre**: nature de la realite geographique. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

GUIMARÃES, S.T.L. **Paisagens**: aprendizados mediante experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. 2007. Tese (livre-docência) 2007. – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2007.

GUIMARÃES, S.T.L. **Percepção, gestão e educação ambiental e a norma de responsabilidade social – ABNT NBR 16001**. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2008. 13 slides: color. Slides gerados a partir do software PowerPoint.

GUIMARÃES, S.T.L. Planejamento e proteção dos recursos paisagísticos: aspectos relacionados à cognição, percepção e interpretação da paisagem. **OLAM – Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v. 5, n. 1, maio/2005a, p. 202-219.

GUIMARÃES, S.T.L. Nas trilhas da qualidade: algumas idéias, visões e conceitos sobre qualidade ambiental e de vida..., **Revista GEOSUL**, Florianópolis, n.40, julho-dez/2005b, p. 7-26.

GUIMARÃES, S.T.L. **Percepção de riscos ambientais**. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2003. 14 slides: color. Slides gerados a partir do software PowerPoint.

GUIMARÃES, S.T.L. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental, **GEOSUL**, Florianópolis, vol.17, no. 33, jan-junho/2002, p. 117-141.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 125-141.

IBGE. **Censo demográfico**: resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

KEVORKIAN, J. L. **Guia turístico da Ilha de Paquetá**. Rio de Janeiro: Paquetur, 2003.

LEITÃO, W. M. **Ilha de Paquetá**: cotidiano e história social de um bairro carioca. 2003. 227 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LOWENTHAL, D. Geography, Experience and Imagination: towards a geographical epistemology, **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 51, n. 3, 1961, p. 241-260.

LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1981.

MEINING, D. W. (Ed.). **The interpretation of ordinary landscapes**: geographical essay's. Oxford: Oxford University Press, 1979.

OSGOOD, C. E.; SUCI, G. J.; TANNENBAUM, P. H. **The measurement of meaning**. Urbana: University of Illinois Press, 1957.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**. Rio Claro, v.4, n.7, abr. 1979, p. 1-25.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a proposta metodológica que está servindo de suporte para a elaboração da tese de doutorado "A Sensibilidade do Lugar: uma proposta metodológica para aplicação da Percepção Ambiental em planos de emergência", que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP (Rio Claro). Os estudos de Percepção Ambiental são, portanto, nossa referência, recorte temático, ponto de partida que nos leva a explorar algumas questões sobre sensibilidade ambiental e planos de emergência, com o objetivo de propor um novo caminho metodológico para o estudo desta temática. Neste trabalho, focaremos na percepção e valoração ambiental dos habitantes da Ilha de Paquetá, na cidade do Rio de Janeiro, local historicamente vulnerável a derramamentos de óleo.

Palavras-chave: Valoração de Paisagem. Paquetá (RJ). Mapas de Sensibilidade. Derrame de óleo. Zona Costeira. Recursos Hídricos.

ABSTRACT

This article aims to present the methodological proposal that is serving as a support for the establishment of the doctoral thesis "The Sensitivity of Place: a methodology for implementation of Environmental Perception in emergency plans," which is being developed in the Undergraduate Program in Geography of UNESP (Rio Claro). Environmental Perception Studies are, therefore, our reference, cut theme, point of departure that leads us to explore some questions about environmental sensitivity and emergency plans, aiming to propose a new methodological way for the study of this issue. In this article, we will discuss about environmental perception and valuation of the inhabitants of the island of Paquetá, in Rio de Janeiro, local historically vulnerable to oil spills.

Key-words: Landscape Valuation. Paquetá (RJ). Sensitivity Maps. Oil Spill. Coastal Zone. Water Resources.

Informações sobre os autores:

[1] Marcelo Pereira Matos – <http://lattes.cnpq.br/2145610292306146>

Geógrafo, Doutorando em Geografia [Organização do Espaço, IGCE-UNESP, Rio Claro/SP]. Colaborador do Laboratório Tecgraf – PUC-RJ.

Contato: mmatos@tecgraf.puc-rio.br

[2] Solange T. de Lima Guimarães – <http://lattes.cnpq.br/6635058136218303>

Geógrafa, Mestre e Doutora em Geografia [Organização do Espaço, IGCE-UNESP, Rio Claro/SP]; Livre docente em Interpretação e Valoração de Paisagens. Docente do Depto. de Geografia – IGCE/UNESP, nos cursos de Pós graduação em Geografia, níveis mestrado e doutorado. Docente convidada do Curso de Especialização em Educação Ambiental, CRHEA/USP, Escola Engenharia de São Carlos (SP). Coordenadora do Laboratório de Interpretação e Valoração Ambiental do Depto. de Geografia.

Contato: hadra@uol.com.br